ISSN: 2358-8829

FORMAÇÃO DOCENTE, EDUCAÇÃO DO CAMPO E USO DE TRIORAMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA LEDUCARR/UFRR

Francisco Marcos Mendes Nogueira [1]

RESUMO

Formar educadores no campo exige, antes de tudo, um compromisso ético e político com a vida e com a memória que pulsam nos territórios rurais da Amazônia Ocidental. É dessa premissa que parte a Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima (LEDUCARR/UFRR). Inspirados pela pedagogia freireana, pela matriz teórica da Educação do Campo e pela Educação Geográfica decolonial, compartilhamos aqui as vivências e reflexões da disciplina LEDC 364 – Metodologia para o Ensino de Geografia, ministrada para a turma de Ciências Humanas e Sociais (CHS) no semestre 2026.1. O coração deste trabalho está na investigação do triorama como uma tecnologia social simples, de baixo custo e com enorme alcance pedagógico, capaz de dar tridimensionalidade às representações espaciais e de costurar a teoria tecida na universidade com a vida que os estudantes trazem de suas comunidades. Sob uma abordagem qualitativa, alicerçada na observação participante e no olhar atento às produções do Tempo Universidade (TU), acompanhamos o percurso de 23 acadêmicos que se preparam para ensinar nos anos finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio e na EJA. Ao analisar os registros das oficinas, percebemos como o gesto manual do saber-fazer e o pensamento reflexivo do fazer-saber se alimentam mutuamente. Muito mais do que uma maquete ou recurso ilustrativo, o triorama se revelou um espaço de autoria discente, de escuta das *escrevivências* e de fortalecimento da autonomia necessária para uma práxis docente transformadora e verdadeiramente libertadora.

Palavras-chave: Triorama; Ensino de Geografia; Formação Docente; Educação do Campo; Amazônia Roraimense.

INTRODUÇÃO

> *"A paisagem é o conjunto de elementos materiais que o olhar alcança. [...] A paisagem não é dada para sempre, é um devir. Ela é feita de história, de vida e de emoção"*
>
> (Santos, 2006, p. 66-67)

A Educação do Campo nasceu e se fortaleceu na história recente do Brasil não por concessão, mas pela força, organização e utopia dos movimentos sociais e camponeses. Ela emergiu como um grito de resistência contra a lógica urbano-cêntrica, ruralicida e padronizada

[1] Doutor em História pela UFRGS. Professor Permanete do Programa de pós-graduação em Ensino de História da Universidade Federal de Roraima (ProfHistória). Professor do Magistério Superior no Curso de Licecnaitura em Educação do Campo (LEDUCARR) da Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: marcos.nogueira@ufrr.br

ISSN: 2358-8829

que por muito tempo tentou apagar as identidades e as formas de vida do campo. É nessa caminhada de emancipação que a Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima (LEDUCARR/UFRR) firma sua missão: oferecer uma formação superior pública e de qualidade para professores e professoras que vivem e atuam nas fronteiras e nos territórios diversos do estado de Roraima.

Organizado a partir das áreas de Ciências Humanas e Sociais (CHS) e Ciências da Natureza e Matemática (CNM), o curso aposta na multidisciplinaridade como caminho para compreender a complexidade do real. Essa perspectiva prepara os licenciandos para uma atuação docente viva e integrada nos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), no Ensino Médio (1ª a 3ª série) e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) – contextos escolares onde as fronteiras rígidas entre as disciplinas costumam dar lugar ao diálogo interdisciplinar e ao saber contextualizado.

A espinha dorsal da LEDUCARR é a Pedagogia da Alternância, que organiza o tempo e o espaço da formação em dois movimentos complementares: o Tempo Universidade (TU), vivenciado no campus com imersão teórica, oficinas e trocas coletivas; e o Tempo Comunidade (TC), momento em que os estudantes retornam aos seus territórios – aldeias indígenas, assentamentos, comunidades ribeirinhas e rurais – para pesquisar, vivenciar e intervir na realidade.

Este artigo nasce do desejo de sistematizar e partilhar uma experiência construída no Tempo Universidade da disciplina LEDC 364 – Metodologia para o Ensino de Geografia, durante o semestre 2026.1 com a turma 9 de CHS. O fio condutor dessa vivência foi o uso do triorama – um recurso tridimensional construído artesanalmente a partir de dobras e cortes em folhas de papel –, explorando toda a sua plasticidade como mediação pedagógica viável e acessível.

Mesmo com sua estrutura física singela, o triorama carrega uma enorme densidade conceitual. Ele funciona como uma verdadeira tecnologia social pedagógica: um recurso que contorna a falta de materiais ou de tecnologias digitais — realidade frequente em muitas escolas do campo na Amazônia – sem abrir mão do rigor científico, da sensibilidade estética e da leitura crítica do espaço.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Esta pesquisa trilha os caminhos da abordagem qualitativa, pautando-se no relato de experiência pedagógica enriquecido pela observação participante e pela pesquisa-ação. A

ISSN: 2358-8829

experiência ganhou vida no Tempo Universidade (TU) do curso de LEDUCARR/UFRR, ao longo dos encontros presenciais da disciplina Metodologia para o Ensino de Geografia (LEDC 364), no semestre 2026.1.

A caminhada foi construída coletivamente com acadêmicos e acadêmicas da turma 9 de CHS. O grupo traz em sua composição a beleza da diversidade roraimense: reúne estudantes indígenas de diferentes povos, como Macuxi, Wapichana, Wai Wai e Ingarikó, além de jovens e adultos agricultores familiares vindos de vários cantos do estado.

O percurso metodológico organizou-se em quatro momentos que se entrelaçaram de forma fluida:

a) Aprofundamento teórico e roda de conversa: leitura de textos, debates e problematizações sobre o ensino de Geografia, a cartografia escolar, a categoria paisagem e o papel da Educação do Campo;

b) Oficina do saber-fazer (confecção dos Trioramas): Momento prático em que os discentes aprenderam a lógica geométrica para erguer as estruturas tridimensionais em pirâmide. Os materiais utilizados foram simples e de baixo custo: cartolinas, lápis de cor, réguas, tesouras e cola. A turma dividiu-se em pequenos grupos para criar os modelos de forma colaborativa.

c) Sistematização e transposição didática: cada equipe desenvolveu a atividade a partir de um tema socioambiental marcante de Roraima (como o ecossistema do Lavrado, as dinâmicas urbanas de Boa Vista ou os igarapés). Além da representação visual, os grupos redigiram pequenos textos conceituais, fixados na base de cada triorama, sintetizando a reflexão geográfica do grupo.

d) Socialização do fazer-saber e troca pedagógica: Apresentação dos trabalhos no TU, momento em que os acadêmicos sobre como aplicar essa metodologia nas turmas de Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA nas escolas do campo da e na Amazônia roraimense.

Para registrar e compreender esse processo, utilizamos o diário de campo do docente, anotações de observação ao longo das oficinas e o registro fotográfico sequencial, que passou por uma análise qualitativa e iconográfica dedicada.

REFERENCIAL TEÓRICO A PARTIR DA PRÁXIS FREIREANA E A EPISTEME DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

A base epistemológica deste trabalho se filia com a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire (2016; 2017), para quem educar é sempre um ato político e uma práxis amorosa e transformadora – o encontro dialético entre pensar a teoria e agir sobre a realidade. Freire nos

lembra que a leitura do mundo vem antes da leitura da palavra. Na Educação do Campo, isso significa reconhecer que cada estudante ao entrar na universidade traz consigo um acervo valioso de leituras territoriais, saberes ancestrais e vivências ambientais que não podem ser ignorados.

Na formação de professores, o ensino passivo e bancário dá lugar à pergunta e ao diálogo problematizador. Ensinar exige rigor, curiosidade e o exercício do "esperançar" como verbo de ação no cotidiano escolar. Como destacam Molina e Freitas (2011), a Educação do Campo precisa construir uma matriz pedagógica em que o trabalho, a cultura, a identidade e a terra sejam os fios condutores do conhecimento, superando a distância histórica entre os saberes acadêmicos e a vida da comunidade.

Somamos a esse diálogo o conceito de escrevivência, trazido por Conceição Evaristo (2020). Nascida na literatura, a escrevivência ganha força na pedagogia ao dar passagem para que a escrita, o desenho e a representação venham das dores, das lutas, do corpo e da memória dos sujeitos históricos. No Tempo Universidade, permitir que os futuros docentes "escrevivam" seus lugares e paisagens por meio de linguagens visuais é um ato concreto de descolonização do olhar e do ensino.

A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E AS CATEGORIAS DE ANÁLISE DO ESPAÇO

Pensar a Educação Geográfica na Educação Básica e no contexto do campo exige ir muito além da memorização de capitais, dados estatísticos ou da cartografia mecânica. Como defendem Cavalcanti (2012) e Callai (2005), a Geografia escolar deve formar sujeitos conscientes de sua cidadania espacial, capazes de ler o espaço como uma construção viva, social, dinâmica e cheia de contradições.

Para dar sustentação a essa leitura, mobilizamos conceitos fundamentais da ciência geográfica:

a) Paisagem: Entendida não como um quadro estático para ser contemplado, mas como a sobreposição de marcas históricas, sociais e naturais (Santos, 2006). A paisagem é a face visível do espaço onde a forma ganha sentido e vida social.

b) Território: Categoria perpassada pelas relações de poder, pertencimento e materialidade. Na visão de Porto-Gonçalves (2001), o território é "territorialidade humana em ação" – o espaço vivido, apropriado e defendido pelos povos do campo, das águas e das florestas na resistência pela vida.

c) Lugar: A dimensão do afeto, dos laços cotidianos, da identidade e da experiência humana singular (Tuan, 1983; Cavalcanti, 2012).

Ao trabalhar essas categorias na formação multidisciplinar em CHS, recorremos também a Demerval Saviani (2011) e sua Pedagogia Histórico-Crítica para reforçar a relevância da transposição didática. O conhecimento científico não deve ser apequenado, mas sim traduzido por meio de mediações pedagógicas adequadas que permitam ao aluno da escola pública mover-se de uma compreensão inicial e confusa (sincrese) em direção a uma leitura elaborada e consciente do mundo (síntese).

O TRIORAMA COMO TECNOLOGIA SOCIAL E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

O triorama dialoga diretamente com as metodologias ativas e o conceito de tecnologia social na educação. Entendemos por tecnologia social qualquer método, produto ou técnica construído coletivamente, simples na aplicação e transformador nos resultados, capaz de gerar inclusão e autonomia em cenários de escassez de recursos.

No ensino de Geografia, a passagem do plano e bidimensional (como o mapa no papel ou no quadro) para o espaço tridimensional (como maquetes e trioramas) tem um impacto profundo na aprendizagem (Cavalcanti, 2012). O triorama – que nasce da dobradura simples de um quadrado de papel criando uma pirâmide aberta em destaque – desafia o estudante a lidar com proporção, escala, profundidade e escolha dos elementos centrais do espaço. Trata-se de um recurso que coloca em movimento a dialética freireana entre o saber-fazer (a experiência tátil, artesanal, sensível) e o fazer-saber (a conceituação, a explicação e o pensamento crítico sobre o objeto criado).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Olhar para os resultados desta experiência é debruçar-se sobre o cotidiano vivido no Tempo Universidade (TU), analisando o envolvimento dos acadêmicos a partir da sequência de fotos registrada durante a oficina (Figuras 1, 2, 3 e 4). O encontro entre o saber-fazer (o gesto manual, a ludicidade e a criação com o papel) e o fazer-saber (a maturidade teórica e o olhar crítico sobre o território) trouxe elementos muito ricos para pensar a formação docente no campo.

ISSN: 2358-8829

A DIMENSÃO DO SABER-FAZER: CORPOREIDADE, OFICINAÇÃO E TRABALHO COLETIVO NO TU

Uma formação docente viva exige romper com a passividade das carteiras enfileiradas. Como mostra a Figura 1, o saber-fazer desabrochou no momento em que os estudantes ocuparam a sala com o corpo, a afeto e a criatividade, transformando mesas e o próprio chão em bancadas de trabalho e criação.

Figura 1 – Evidências do Saber-Fazer no Tempo Universidade (TU)



Fonte: Acervo do autor / LEDC 364, 2026.

Na Figura 1, os painéis A, B e C mostram a aprendizagem acontecendo pelo gesto e pela corporeidade. No Painel A, a postura do estudante, compenetrado com seus fones de ouvido e caneta na mão, revela a concentração e o cuidado ao desenhar os detalhes da vegetação no papel. No Painel B, o grupo reunido sobre a mesa compartilha canetas, ajusta dobras e decide junto as cores e formas. No Painel C, o discente sentado no chão expressa a liberdade do espaço: ele ganha amplitude para traçar com precisão os rios e o relevo no plano de papel.

Recorrendo às reflexões de Maurice Tardif (2014), compreendemos que os saberes da experiência e o saber-fazer são pedras fundamentais na construção da identidade profissional dos professores. O gesto artesanal visto na oficina não é mero passatempo, mas a materialização da ação pedagógica. Como explicam Pontuschka, Paganelli e Kafka (2007), o uso de representações tridimensionais no ensino de Geografia permite ao estudante tocar e sentir as formas do espaço, construindo a noção de profundidade e visão topográfica de maneira concreta e intuitiva antes de abstraí-la em teorias complexas.

Essa criação coletiva também rompe com o isolamento individualista tão comum na vida acadêmica. A Figura 2 registra a transição entre as primeiras ideias e a montagem dos trabalhos, mostrando como o planejamento em roda fortalece a escuta e a cumplicidade pedagógica.

Figura 2 – Trabalho colaborativo na construção do Triorama como recurso didático-pedagógico



Fonte: Acervo do autor / LEDC 364, 2026.

A Figura 2 capta um momento de diálogo e troca de saberes. Os acadêmicos, reunidos em círculo com cadernos e papéis nas mãos, discutem a melhor forma de traduzir os conceitos da Geografia para a realidade de suas comunidades. Como nos ensina Vesentini (2004), as metodologias ativas só ganham sentido verdadeiro quando tiram o professor do centro absoluto da aula e transformam a turma em um espaço vivo de pesquisa, onde todos formulam hipóteses, argumentam e constroem conhecimentos juntos.

A MATERIALIZAÇÃO DO FAZER-SABER: LEITURA DE MUNDO E GEOGRAFIAS RORAIMENSES

A passagem do saber-fazer para o fazer-saber ficou evidente quando a dobradura de papel deixou de ser apenas uma forma bonita e passou a expressar uma leitura consciente e crítica do território roraimense. Duas produções apresentadas pela turma ilustram essa síntese com muita clareza: a representação do bioma do Lavrado (Figura 3) e o debate sobre a expansão urbana de Boa Vista (Figura 4).

ISSN: 2358-8829

Figura 3 – Triorama do Lavrado: recurso didático-pedagógico e ensino contextualizado



Fonte: Acervo do autor / LEDC 364, 2026.

Na Figura 3, os acadêmicos apresentam o triorama concluído sobre o Lavrado (a savana roraimense). É visível o carinho e o detalhamento na composição: estão lá a fauna característica (onça-pintada, tamanduá, capivara), as palmeiras de buriti acompanhando as veredas e, na base do papel, um texto reflexivo preparado pela equipe.

As reflexões de Bernardo Mançano Fernandes (2005; 2009) nos ajudam a ler o que está escrito e desenhado ali. Para Fernandes, o território é espaço de vida, de pertencimento e de resistência, onde a presença camponesa e indígena afirma seu modo de existir. Ao retratar a riqueza das veredas e do Lavrado, os discentes registram a beleza do lugar, mas também sinalizam as preocupações com o avanço de monoculturas e com a preservação das águas em Roraima. O fazer-saber presente na Figura 3 revela a apropriação viva de conceitos como biodiversidade, equilíbrio ecológico e sustentabilidade territorial.

Por sua vez, a Figura 4 traz uma discussão necessária sobre o tema "Urbanização e Sociedade", encarando as transformações de Boa Vista a partir do olhar de quem vem do campo.

ISSN: 2358-8829

Figura 2 – Triorama "Urbanização e Sociedade: Crescimento de Boa Vista"



Fonte: Acervo do autor / LEDC 364, 2026.

Na Figura 4, o grupo de licenciandas exibe o triorama focado na relação entre cidade e campo e nas marcas do crescimento da capital Boa Vista. A composição gráfica retrata as moradias, a chegada dos serviços urbanos e as pressões da expansão da cidade sobre as áreas rurais e periféricas.

Ancorando essa análise em Pontuschka, Paganelli e Kafka (2007), percebe-se como o estudo da urbanização feito por estudantes do campo permite compreender as contradições do espaço sem criar hierarquias falsas entre o rural e o urbano. As acadêmicas trouxeram para o debate noções de segregação socioespacial, migração e direito à cidade, mostrando sensibilidade política e maturidade acadêmica. O trabalho reafirma que campo e cidade não são mundos isolados, mas espaços profundamente conectados por redes de trabalho, trocas culturais e lutas sociais.

A MULTIDISCIPLINARIDADE NO CHS E A PRÁXIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

As rodas de socialização dos trioramas no Tempo Universidade permitiram planejar como essa tecnologia social pode ser aplicada na prática pedagógica dos futuros professores de Ciências Humanas e Sociais da LEDUCARR:

a) Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano): O triorama estimula o raciocínio espacial e a alfabetização cartográfica. De forma lúdica, os alunos das escolas do

ISSN: 2358-8829

campo aprendem conceitos de proporção, escala, relevo e visão vertical/oblíqua colocando a mão na massa;

b) Ensino Médio (1ª a 3ª série): O recurso possibilita projetos interdisciplinares ricos. Integrando Geografia, História e Sociologia, as turmas podem construir trioramas que problematizem os conflitos por terra, as transformações no uso do solo, o desmatamento ou a história da formação dos municípios roraimenses;

c) Educação de Jovens e Adultos (EJA): Por se tratar de estudantes com bagagem de vida e saberes acumulados no trabalho da terra, o triorama atua como um gatilho de memórias e escrevivências. O estudante da EJA projeta no papel suas histórias de migração, os ritmos da roça e o amor por seu lugar, fortalecendo a auto-estima e o letramento geográfico.

À GUISA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar ao término deste relato de experiência não significa fechar um ciclo, mas sim convidar à continuidade do "esperançar" freireano que pulsa no chão da Educação do Campo. A vivência compartilhada ao longo da disciplina Metodologia para o Ensino de Geografia (LEDC 364), no Tempo Universidade da LEDUCARR/UFRR, reitera o compromisso ético, político e humano de formar educadores e educadoras que não apenas leiam o espaço, mas que ajudem seus estudantes a transformar as territorialidades onde a vida acontece.

O percurso investigativo com o triorama revelou que a simplicidade de um recurso material jamais deve ser confundida com esvaziamento teórico. Ao contrário: o triorama provou ser uma autêntica tecnologia social pedagógica, capaz de construir uma ponte sensível e rigorosa entre a estesia do saber-fazer – traduzida no gesto tátil do cortar, dobrar, desenhar e criar em grupo – e a consciência crítica do fazer-saber – expressa na leitura denunciativa das contradições socioambientais do Lavrado, da cidade e dos territórios tradicionais roraimenses.

Em uma Amazônia marcada por assimetrias históricas, onde a escola pública rural frequentemente enfrenta a escassez de infraestrutura e a imposição de materiais didáticos descontextualizados, a formação de professores multidisciplinares em Ciências Humanas e Sociais exige respostas criativas, decoloniais e viáveis. O triorama mostrou-se uma mediação potente por não exigir aparatos tecnológicos caros, devolvendo aos licenciandos do campo o direito à autoria, à escrevivência e ao orgulho de suas origens camponesas e indígenas.

Ao articularem o Tempo Universidade ao Tempo Comunidade, os futuros docentes demonstraram que a transposição didática nos Anos Finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio e na EJA se fortalece quando acolhe a ancestralidade, a memória e o trabalho como eixos

geradores de conhecimento. O triorama, nesse sentido, deixou de ser um mero suporte tridimensional de papel para se tornar um espelho de pertença, onde cada bioma, rio e comunidade representada ganhou contornos de afeto, identidade e resistência.

Reafirmamos, assim, que a verdadeira inovação pedagógica na Educação do Campo não reside no consumo passivo de apetrechos digitais ou em fórmulas importadas do centro urbano. A inovação que emancipa brota da capacidade de escutar o território, de valorizar o saber da experiência e de cultivar uma práxis humanizada, teoricamente consistente e profundamente enraizada na vida. É no encontro entre o rigor científico e o afeto da sala de aula que a LEDUCARR segue tecendo uma formação docente libertadora, capaz de germinar esperança e justiça espacial em cada canto da Amazônia roraimense.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia no ensino fundamental: o conhecimento geográfico e a aprendizagem da Geografia. *In:* **SIGRA – Revista da Associação de Geógrafos Brasileiros**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 1-15, 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18. ed. Campinas: Papirus, 2012.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: **Escrevivência**: a escrita de si em Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Pallas, 2020. p. 23-45.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma sociologia territorial. *In*: CLAUSSEN, M. (org.). **Soberania alimentar e desenvolvimento territorial**. São Paulo: Expressão Popular, 2005. p. 27-48.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a tipologia de territórios. *In*: **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e pesquisas. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 197-215.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 55. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Luiz Carlos de. Avanços e desafios na construção da Educação do Campo. *In:* **Em Aberto**, Brasília, DF, v. 24, n. 85, p. 17-31, 2011.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; KAFKA, Cacilda Rodrigues. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

ISSN: 2358-8829

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VESENTINI, José William (org.). **O ensino da Geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004.